

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**



Universidade de Lisboa
FACULDADE DE LETRAS

**DE SINALIZADOR A ATRACTIVO CULTURAL
FARÓIS PORTUGUESES NUMA PERSPECTIVA TURÍSTICA**

Cleber da Silva Reis

**Dissertação de Mestrado em Geografia
Especialidade em Lazer, Cultura e Turismo**

**Lisboa
2008**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**



Universidade de Lisboa
FACULDADE DE LETRAS

**DE SINALIZADOR A ATRACTIVO CULTURAL
FARÓIS PORTUGUESES NUMA PERSPECTIVA TURÍSTICA**

Cleber da Silva Reis

Dissertação Orientada por Professora Doutora Maria Alexandre Lousada

**MESTRADO EM GEOGRAFIA
LAZER, CULTURA E TURISMO**

**Lisboa
2008**

À amigo André Neveu (in memoriam). Breton de corpo e de alma. À quem primeiro revelei a minha paixão pelos faróis. Lamento amigo, não foi possível concluir a tese antes da sua surpreendente partida, mas por coincidência, se não foi mais uma das suas brincadeiras, esta última etapa se deu na França, pra ser mais preciso em sua casa, na Bretanha, em companhia da sua amada e inesquecível Nicole. Pertinho dos nossos "pirisampas".

AGRADECIMENTOS

Lembro-me das palavras proferidas por uma colega nas primeiras semanas de aula do Mestrado: *O trabalho académico é uma tarefa árdua e solitária*. Fiquei preocupado com o que havia escutado. Como não sou de sofrer por antecipação, aguardei para confirmar essa “teoria”. No decorrer da jornada, pude constatar o quanto é difícil a caminhada mas, como todas elas, tem que ser dado o primeiro passo. Assim comecei, fazendo o possível para que a profecia da colega não se cumprisse. Graças ao bom Deus, pai de todas as ciências, foi possível. Por essa razão, é exactamente para Ele o meu primeiro agradecimento.

Além de ter sido acolhido e respeitado, durante toda a trajectória, tive a sorte de ter sido bem aceite como orientando, pela Professora Doutora Maria Alexandre Lousada, que apostou na idéia e assumiu o *faroleiro*. Fez o possível para que o desânimo não se aproximasse de mim. Para ela faço um agradecimento especial. Foi maravilhoso perceber que intelectualidade e humildade é possível. Obrigado Professora. Sua dedicação, atenção e solicitude foram como que um bálsamo benigno nesta minha trajectória.

A seguir, o meu especial reconhecimento ao Professor Doutor Eduardo Brito Henriques. Sempre tão gentil e paciente, mesmo quando as minhas idéias ainda estavam em conflito. Presença extremamente marcante nesta minha caminhada. Quão bom é tê-lo por perto!

Uma palavra de gratidão especial à Professora Doutora Carminda Cavaco. Lembro-me do brilho em seus olhos no nosso primeiro encontro. Sempre tão disposta em resolver as minhas interrogações. Sempre tão optimista e entusiasta durante as aulas do mestrado. Logo me senti acolhido, em casa. Obrigado pelo carinho que a professora tem pelo Brasil.

Professor, Doutor Jorge Gaspar, rendo-lhe reverências. Que amor pela geografia! Que bom humor! Impossível não alcançar o zénite, tendo a sua figura como exemplo, ser-lhe-ei eternamente grato por tudo.

Professora doutora Eduarda Marques da Costa, apesar de estar sempre à correr, nunca deixou de atender a um apelo meu, mesmo quando das minhas abordagens-relâmpagos em pleno corredor da UL. Obrigado.

A todos os professores do mestrado, o meu muito obrigado. Recebam aquele abraço de alguém que recebeu de vocês “régua e compasso”.

Abro um espaço especial para agradecer às funcionárias da Secretaria da UL: Sras. D. Arlete Pato e M^a de Fátima Lopes, exemplos de seres humanos e competência profissional. Realmente, fazem *jus* àquele provérbio: *quem não vive para servir, não serve para viver*, sem palavras para dizer-lhes o quanto as quero bem e lhes sou grato.

A todos os colegas do Mestrado, em especial à Leonor Santos Silva. Obrigado por existir em minha vida. Colou no meu peito feito tatuagem, só para me dar coragem! Igualmente, agradeço ao seu espôso André Magalhães que aceitou dividir a sua amada com um homem da terra estrangeira, o que não deve ser brincadeira. Obrigado, irmãozinho.

Minha querida Rita Félix, sempre tão meiga e amiga. Obrigado, amore. Você merece todo o bem que houver nessa vida. Foi difícil para você continuar. Não tenha dúvida que, apesar de sentir sua falta, entendi perfeitamente os motivos. Muito obrigado pela força.

Meu Guru! Como esquecer de você, Doutor Joaquim Ferreira Boiça, o homem dos faróis. Sabe tudo. Obrigado, meu amigo. Atendia aos meus chamados em plenas férias, com tanta amabilidade. Jamais esquecerei nossos encontros na Direcção de Faróis e faróis à fora. Acho que, além de lhe agradecer, lhe devo desculpas. Exagerei nos apelos. Obrigado pela generosidade.

Professora Doutora Ana Rita Sulz, é a sua vez. Meu Deus, como você conseguia dar conta de tanta coisa, e ainda ter tempo para ajudar-me, lendo as minhas “linhas”. E a formatação final? Cuidou de tudo direitinho. Tenho consciência do meu abuso. Sem o seu auxílio, concluir seria pura ilusão. Obrigado, minha querida, quando eu crescer, quero ter metade do seu talento. Esse agradecimento reflecte-se também em seu esposo César e seus filhos

Paulo e Inês, sempre tão compreensivos, quando das nossas atribuladas reuniões em sua casa.

Sem os meus amigos, nem pensar! Como dizia Vinicius de Moraes: *Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos*. Se me esquecer de alguém, foi por lapso da memória, com certeza! Esquecer da Professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro Queiroz seria imperdoável, sempre tão atenta a tudo que acontecia, no Brasil e em Portugal. Vigiou a minha trajectória durante todo o Mestrado e sempre me perguntava pelo dever de casa.

Professora Doutora Érika Simone Dias, você foi fantástica. Sabe da minha gratidão, sim? Quanta paciência José, seu companheiro, teve conosco. Sou grato a ele também.

Doutora Margarida Lameiras, minha amiga, terapeuta, irmã. Sem sua presença, suas mensagens e o seu divã, seria realmente muito difícil.

Eu disse que havia envolvido muita gente nesta jornada e não estava a brincar. Imagina se eu me esqueço de agradecer ao Professor Doutor Lúcio Farias e à Professora Doutora Zeny Duarte, mestres dos mestres, poços de humildade e sapiência. Aprendi até latim. Obrigado pelas correcções em meus textos e pela amizade tão primorosa. Quantas idas e vindas à Cidade do Porto, heim! Amo vocês.

Professora Doutora Djojace Cerqueira da Mota, grande amiga, sempre na torcida. Obrigado pela sintonia, mesmo de lá, do lado debaixo do Equador. Estendo esta mesma gratidão à amiga prof^a. Doutora Berthilde Moura, “a mulher do património...”, ao amigo Daniel Domingues, nas revisões de língua estrangeira, e aos amigos Gustavo Freire e Swamy Ramos pelo apoio durante a etapa de encadernação dos exemplares finais da tese.

Professora Doutora Lysie Reis. Obrigado, minha irmã. Não entendia onde você encontrava tanta coragem e tempo para as suas pesquisas e ainda descobrir “coisas” para a minha dissertação. Lembro-me das nossas madrugadas

intelectuais. Pensei que, ao chagar no Brasil ficaria quieta. Puro engano. Continuava a me dar força. Que D. Oxum lhe proteja sempre, minha nêga!

Minha querida amiga, Professora Doutora Gláucia Trinchão. Ainda bem que você existe. Obrigado por me indicar fontes tão proveitosas e me sequestrar para momentos de relax quando visitava Portugal. Aproveito também para agradecer ao Gilberto Paulo, do Sector de Recepção da Biblioteca Nacional pelo apoio constante.

Minha amiga de fé, Professora Doutora Heloísa Liberalli Bellotto. Agora entendo porque a USP e o mundo acadêmico lhe rende reverências. Jamais esquecerei das suas palavras optimistas, quando teve acesso ao meu tema. Gracia Mille.

À Professora Doutora Maria Helena Occhi Flexor, a minha gratidão pelo incentivo e por ter acreditado que seria possível levar adiante esse meu projecto.

Professor Doutor Agostinho Araújo, da Universidade do Porto. Obrigado. Suas indicações foram primorosas.

Ao meu líder espiritual Hermes Telles que, mesmo do outro lado do Atlântico, cuidou de mim. Raimundo César, querido, meu carinho !

Suzane Lopes e Didier Neveu, Jean Marc e Vanusa Brasil, Gabriela e Olivier Durand, Thomaz, Antonine e Elvia Castor. Não tenho realmente como agradecer o apoio em França. Obrigado pelos almoços e jantares anti-stress. Por minha culpa vocês se tornaram especialistas em faróis, como todos os meus grandes e bons amigos. Até Nicole Neveu, do alto dos seus 80 anos, não poupava esforços quando o assunto era o “pirilampo”. Dedicou grande parte do seu tempo em meu auxílio. Também estendo a minha gratidão ao meu querido amigo Doutor Jérôme Lucereau que abriu as portas da sua vasta biblioteca particular em Paris para o meu deleite.

Lamento, mas ainda não terminou. Estou fora do meu país, e precisei de muita gente. Gente no sentido mais nobre da palavra, à exemplo do Sr. Eduardo Silva e Sra. D. Maria dos Anjos em Lisboa, pensei que seria apenas o locatário do

seu apartamento nas Janelas Verdes, enfim, nos tornamos, amigos, amados, amantes. Não sei o que seria de mim sem vocês. Agradecer é pouco, mas já que tem que ser assim, valeu!

Agradeço à Doutora Alice Caldeira Santos, bibliotecária da Biblioteca Central da Marinha pelo apoio e autorização aos documentos inéditos e às Sras. D. Zulmira Maria Oliveira Luís e a D. Lisete Gonçalves, Técnicas dessa mesma instituição, que por muitas vezes tiveram de esperar por mim para fechar as portas, obrigado por tudo. Igualmente, elevo a minha gratidão ao amigo *Esquisito*, funcionário do Musée Nationale de la Marine, em Paris. Você sabe o quanto fez por mim, tenho certeza. Aproveito para agradecer à Doutora Cristina Veiga, Directora do Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas e à Sra. D Isabel Carneiro pelo serviço de apoio durante as minhas pesquisas naquela instituição, obrigado pela confiança.

Na Direcção de Faróis, os meus agradecimentos sinceros e especiais são para o Sr. Comandante, Abrante Horta, Sr. Osvaldo Barbosa, faroleiro-chefe da aludida instituição, Sra. D. Esmeralda Almeida, do corpo administrativo e a Sra. D. Maria de Lurdes Moreira, da “cartografia”. Sem o apoio incondicional de vocês, iniciar esta dissertação seria apenas um sonho.

Wilson Souza - preciso agradecer-te? Acho que devo, sim? Meu querido companheiro das horas certas e incertas, você foi fantástico. Não sei como conseguiu suportar o meu *stress*. Este era um verdadeiro papagaio de pirata, lia os meus rascunhos por cima dos meus ombros, como quem nada queria. Valeu. Devo-te mais esta.

Agora os meus sinceros e mais especiais agradecimentos ao grande amor da minha vida, minha família, meus pais, Carlos Góis dos Reis e Elisa Reis, aos meus irmãos, sobrinhos e à minha cunhada Ceíça. Quanta falta vocês me fizeram! Nem é bom lembrar! Para minha sorte, mantive a minha criança viva, toda vez que o adulto balançava ela vinha e me dava a mão.

Meu Pai Oxóssi, dono do meu Ori, Rei de Ketu, sua benção! Obrigado por permitir-me mais esta conquista. *Okê Arô, pai!* E a todos os Orixás da minha amada e inesquecível Bahia, *Axé!*

RESUMO

A presente dissertação é fruto de uma investigação sobre os faróis portugueses enquanto monumentos detentores de forte poder de atracção cultural e turística. A partir dessa premissa, busca-se fundamentação historiográfica, geográfica e iconográfica para um estudo sobre os atributos que foram acrescentados aos faróis actualmente, foco principal da análise em questão, e se faz também uma análise da identidade cultural das localidades onde estão edificadas.

Ao reconhecer a importância dos faróis como monumento relevante na história marítima de Portugal, faz-se também aqui uma reflexão de modo pontual sobre património cultural, no sentido de despertar a atenção para a necessidade de patrimonialização desse acervo cultural de secular contributo no mundo lusitano.

Este texto académico, recorrendo a exemplos no estrangeiro, dá ênfase à experiência portuguesa, nomeadamente, os faróis de Santa Marta, na Cidade de Cascais, e o dos Capelinhos, no Arquipélago dos Açores, por serem estes dois exemplares representativos da transignificação consumada a partir de uma nova visão que envolve a consciência da necessidade de desenvolvimento turístico e cultural no seio da sociedade portuguesa.

Palavras-chave: Farol, cultura, turismo, monumento, património cultural.

ABSTRACT

The present dissertation is about the Portuguese lighthouses as important monuments for culture and tourism. It provides historical, geographic and iconographic foundations for a study on the current attributes of lighthouses, the main issue in focus, as well as an analysis of the cultural identities of the regions where they are built.

Acknowledging lighthouses' importance as monuments relevant to Portuguese maritime history, this dissertation also offers a reflection on cultural endowment, in order to call attention for the valorization of this cultural asset of secular significance in the Portuguese world.

This academic text, which draws examples from several places, emphasizes the Portuguese experience with case studies on the lighthouses of Santa Marta, in the city of Cascais, and Capelinhos, in the Azores Archipelago, given that these two lighthouses are representative examples of an increasing demand for improvements in Portuguese cultural tourism.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I.1	Representação para compreensão do alcance da luz do farol	31
Figura I.2	Representação do Farol de Alexandria	34
Figura I.3	Farol de Hércules, na Corunha	34
Figura I.4	Farol de Cordouan	36
Figura I.5	Representação de um farol que funcionava através de um mecanismo de relojoaria	39
Figura I.6	Mecanismo de relojoaria que garante o giro do farol	39
Figura I.7	Candeeiros a petróleo	40
Figura I.8	Fonte de alimentação dos faróis a vapor de petróleo	40
Figura I.9	Lente com óptica de Fresnel	42
Figura I.10	Aparelho lenticular de Fresnel	42
Figura I.11	Instalação de uma bóia luminosa	43
Figura I.12	Farol de São Miguel-o-Anjo	46
Figura I.13	Farol do Cabo de São Vicente	47
Figura I.14	Uma visão mais detalhada do farol do Cabo de São Vicente	47
Figura I.15	Lápide existente na entrada do farol de São Vicente	48
Figura I.16	Farol do Cabo da Roca	54
Figura I.17	Representação esquemática das barras para a orientação dos navios, à entrada do Porto de Lisboa	56
Figura I.18	Farol da Guia	57
Figura I.19	Farol do Bugio	59
Figura I.20	Tabela dos faróis edificadas em Portugal entre 1761 e 1977	63
Figura I.21	Índices do documento Avisos aos Navegantes	66
Figura I.22	Parte integrante do Documento Lista de Faróis, referente aos Açores	67

Figura II.1	Postal de divulgação do evento sobre monumentos ocorrido em Lisboa no mês de Julho de 2007	93
Figura II.2	Fortaleza de Sagres	94
Figura II.3	Escultura exposta em um Centro Comercial de Lisboa	103
Figura II.4	Montra em “café” na Rua de São Paulo, em Lisboa	103
Figura II.5	Montra em “café” na Rua de São Paulo, em Lisboa. Destaque para a figura do faroleiro	104
Figura II.6	Representação de um farol, na secção de brinquedos, no período natalino, em centro comercial de Lisboa	104
Figura II.7	Representação de um farol, na secção de brinquedos, no período natalino, em centro comercial de Lisboa	104
Figura II.8	Série alusiva a “Faróis Brasileiros”. O selo mostra o Farol de São João (Curupuru, Maranhão)	105
Figura II.9	Foto do cartaz de divulgação da Exposição “faróis de Portugal” ocorrida em Junho de 1987, na Torre de Belém, em Lisboa	107
Figura II.10	Cartaz publicitário da Exposição de faróis da União Europeia	108
Figura II.11	Farol da Barra ao entardecer	110
Figura II.12	Interior do Museu Náutico da Bahia no Farol da Barra, Salvador	111
Figura II.13	Farol de Battery Point	112
Figura II.14	Farol St. Mary’s - Newcastle	113
Figura II.15	Farol de Richard	114
Figura II.16	Interior do museu existente no Farol de Richard	114
Figura II.17	Localidades onde estão edificadas os principais faróis franceses	115
Figura II.18	Marcador de livro, comercializado em um dos faróis da Bretanha	116

Figura II.19	Reprodução de vários faróis existentes na costa marítima francesa	117
Figura III.1	Mapa de Cascais com indicação da localização do Farol de Santa Marta	128
Figura III.2	Artigo publicado em jornal acerca da musealização	130
Figura III.3	Farol de Santa Marta antes da criação do núcleo museológico	132
Figura III.4	Farol de Santa Marta antes da sua musealização. Detalhe para a casa de Santa Maria ao lado	133
Figura III.5	Placa de inauguração do Farol-Museu de Santa Marta	134
Figura III.6	Portão de entrada ao pólo museológico do Santa Marta ..	134
Figura III.7	Vista da área externa do Farol e um dos núcleos do museu	135
Figura III.8	O Farol recuperado na sua estrutura externa	136
Figura III.9	Entrada principal das dependências do museu	136
Figura III.10	Visão mais detalhada do Farol e do seu núcleo museológico	137
Figura III.11	Espaço dedicado ao faroleiro	138
Figura III.12	Lanterna antiga de um farol exposta no museu do Santa Marta	139
Figura III.13	Diferentes modelos de faróis que utilizavam a óptica de Fresnel	139
Figura III.14	Estrofe de um dos poemas que compõem o acervo do Farol Museu Santa Marta	140
Figura III.15	Fotografia exposta no Museu do Santa Marta	140
Figura III.16	Representação da Ilha do Faial (Açores)	142
Figura III.17	O Farol dos Capelinhos parcialmente soterrado pelas cinzas do vulcão	149
Figura III.18	Vista parcial com um dos pavimentos já soterrados pelas cinzas vulcânicas	149
Figura III.19	Farol em meio à fumaça durante a erupção	150

Figura III.20	O Farol totalmente degradado pela acção do vulcão	150
Figura III.21	Ruína do farol dos Capelinhos	151
Figura III.22	Instalação da lanterna do Farol dos Capelinhos	155
Figura III.23	Parte da torre do Capelinhos após a instalação da lanterna	156
Figura III.24	Detalhe da área utilizada na construção do Centro de Interpretação Ambiental do Farol dos Capelinhos.....	157
Figura III.25	A utilização das estruturas anexas do Farol na construção do Centro em questão	157
Figura III.26	Detalhes da planta da requalificação do Capelinhos	157
Figura III.27	Imagens em terceira dimensão de parte do projecto interior do Centro de Interpretação dos Capelinhos	158
Figura III.28	Imagens em terceira dimensão de parte do projecto interior do Centro de Interpretação dos Capelinhos	158
Figura III.29	Capa da Revista National Geographic nº. 78	159
Figura III.30	O Farol dos Capelinhos com a sua nova lanterna	160
Figura III.31	Recuperação de toda a área que circunda o Farol	160
Figura III.32	Reestruturação da área que envolve o Capelinhos para a instalação do Centro de Interpretação	160
Figura III.33	Recuperação das paredes externas e as construções anexas	160
Figura III.34	Construção de grandes muralhas para garantir a implantação do Centro dos Capelinhos	161
Figura III.35	Operários trabalhando no reforço das paredes externas do farol	161
Figura III.36	A grandiosidade das estruturas	161
Figura III.37	Detalhe da quantidade de ferro e betão que está a ser utilizado na construção do Centro dos Capelinhos	161
Figura III.38	Vista parcial da área de abrangência do projecto	161
Figura III.39	Construção da estrutura central do Centro de Interpretação Ambiental dos Capelinhos	162

Figura III.40	Construção da estrutura central do Centro de Interpretação Ambiental dos Capelinhos	162
Figura III.41	Evolução da estrutura central	162
Figura III.42	A estrutura central tomando forma	162
Figura III.43	Colocação do molde que dará origem à estrutura que fará alusão a uma erupção vulcânica	162
Figura III.44	Colocação do molde que dará origem à estrutura que fará alusão a uma erupção vulcânica	162
Figura III.45	Retirada do molde e o resultado parcial da estrutura central	163
Figura III.46	Vista detalhada da estrutura central e o avanço das obras	163
Figura III.47	Evolução das obras após a construção da estrutura central	163
Figura III.48	Evolução das obras após a construção da estrutura central	163
Figura III.49	Primeiras imagens reais do interior da sala principal do Centro de Interpretação dos Capelinhos	164
Figura III.50	Primeiras imagens reais do interior da sala principal do Centro de Interpretação dos Capelinhos	164
Figura III.51	Continuação das obras e a sua dimensão	164
Figura III.52	Continuação das obras e a sua dimensão	164
Figura III.53	Logotipo criado em homenagem aos 50 anos da erupção do Vulcão, fenómeno que pôs fim ao Farol dos Capelinhos	165
Figura III.54	T-shirts estampadas cm o logótipo do cinquentenário dos Capelinhos	166
Figura III.55	Calendários utilizando o logótipo dos 50 anos da erupção .	
Figura III.56	Agendas e postais ilustrados com o logótipo do cinquentenário dos Capelinhos	166
Figura III.57	Medalhas que fazem alusão aos 50 anos da erupção nos Capelinhos	166

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	19
ESTRATÉGIA DE PESQUISA	24
 Capítulo I – Os FARÓIS ENQUANTO SINALIZADORES E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A COSTA MARÍTIMA PORTUGUESA	 26
I.1 O FAROL: CONCEITO, FINALIDADES, FUNCIONAMENTO, FONTES DE ENERGIA, COR DA LUZ E ORIGEM LUMINOSA	27
I.1.1 Construção das torres e edifícios anexos	31
I.2 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DOS FARÓIS E OS AVANÇOS NA FAROLOGIA	33
I.3 O PROCESSO DA FAROLIZAÇÃO LUSITANA	45
I.3.1 Os Primeiros Faróis Portugueses	45
I.3.2 Do Alvará pombalino de 1758 à actualidade	49
I.3.3 A rede lusitana de faróis e as tutelas	60
I.3.4 Os faroleiros e a guarda dos faróis	68
 Capítulo II – O PATRIMÓNIO MONUMENTAL E OS FARÓIS ENQUANTO ATRACÇÃO TURÍSTICA	 75
II.1 TURISMO, LUGAR E MONUMENTOS	76
II.2 A CULTURA E O LAZER ENQUANTO ATRACTIVOS TURÍSTICOS	78
II.3 CRITÉRIOS DETERMINANTES PARA A VIABILIDADE DE UM ATRACTIVO TURÍSTICO	81
II.4 O PATRIMÓNIO CULTURAL E A MONUMENTALIDADE DOS FARÓIS	85
II.4.1 Monumento, monumento histórico e monumento nacional .	91
II.4.2 A Protecção do Legado Monumental e seus Aspectos Legislativos	96
II.5 PRÁTICAS CULTURAIS NO ÂMBITO TURÍSTICO	99
II.6. NOVAS POSSIBILIDADES ATRIBUÍDAS AOS FARÓIS	102

Capítulo III – Os FARÓIS PORTUGUESES: SOBREVIVENTES DO TEMPO	
PASSADO INTEGRADO AOS CIRCUITOS TURÍSTICOS	120
III.1 AS <i>NUANCES</i> DO TURISMO E OS FARÓIS LUSITANOS ENQUANTO	
ATRACÇÕES TURÍSTICO-CULTURAIS	121
III. 2 O FAROL DE SANTA MARTA EM CASCAIS: PERSPECTIVA HISTÓRICA	126
III. 2. 1 Projecto e processo de musealização	131
III.2.2 O Projecto executado	133
III. 3 O FAROL DOS CAPELINHOS: RESENHA HISTÓRICA	141
III.3.1 A construção do Farol	145
III.4 A ERUPÇÃO DO VULCÃO DOS CAPELINHOS E A DESTRUIÇÃO DO	
FAROL	147
III.5 A INFLUÊNCIA DA CULTURA LOCAL NO PROCESSO DE	
TRANSIGNIFICAÇÃO DO FAROL DOS CAPELINHOS	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
BIBLIOGRAFIA	173
ANEXOS	180
Anexo A.1 – Página de rosto do Alvará Pombalino de 1758	181
Anexo A.2 – Síntese Cronológica dos Serviços Efectuados na	
Sinalização de Apoio aos Navegantes na Costa Marítima Portuguesa	
(1962-1987)	182
Anexo A.3 – Edital do Concurso de Faroleiros referente ao Ano de 1994	186
Anexo A.4 – Exame de Língua Portuguesa para Ingresso de Faroleiros.	
Realizado no ano de 2006	187
Anexo A.5 - Exame de Matemática para Ingresso de Faroleiros.	
Realizado no ano de 2006	190
Anexo A.6 - Exame prático de Electricidade para Ingresso de Faroleiros.	
Realizado no ano de 2006	195

Anexo A.7 – Decreto da classificação da Capela Farol de São Miguel-o-Anjo, como Monumento Nacional	197
Anexo A.8 – Artigo Publicado no Jornal Público Local acerca da Musealização do farol de Santa Marta	199
Anexo A.9 – Publicação da Premiação do Farol de Santa Marta com “Menção Honrosa Cidade – Intervenções de natureza física localizadas em ambiente urbano”	200
Anexo A.10 – artigo publicado no Jornal A TARDE sobre a História de Salvador contada através de seus faróis	201

INTRODUÇÃO

Introdução

Mediante a análise das construções realizadas no meio ambiente, compreende-se a capacidade que o homem possui de criar ou recriar espaços representativos das suas expressões de necessidades, saberes e desejos. A percepção dessa realidade torna-se imprescindível para direccionar a investigação aqui proposta, cujo objectivo está centrado em: Destacar a importância dos faróis - de sinalizadores a atractivos turísticos para o desenvolvimento cultural da sociedade portuguesa. Para isso, faz-se necessário compreender a história dos faróis, ora destacando a sua técnica e função, ora aprofundando a sua compreensão imagética.

É esta perspectiva que guiará o estudo intitulado *De Sinalizador a Atractivo Cultural: Faróis Portugueses numa Perspectiva Turística*. Por um lado os faróis portugueses são analisados no quadro da história da costa marítima de Portugal e, por outro serão examinadas as suas novas atribuições enquanto monumentos detentores de um considerável poder de atracção turística.

A análise que se realiza no presente estudo concentra-se não somente na observação dos aspectos formais dos faróis, mas também enfatiza o processo de transsignificação. Os faróis portugueses são estudados enquanto suporte da memória social capaz de se evidenciar como imagem, e nos diversos modos como esses monumentos se apresentam. É, portanto, nesse sentido que eles são aqui examinados, de modo particular, aqueles que melhor correspondem à perspectiva turística e cultural.

O intuito de apresentar os faróis a partir de uma visão turística surgiu quando se notou que a grande gama de informações publicadas acerca do assunto encontra-se quase unicamente relacionada com a historicidade desses monumentos e a sua técnica de funcionamento enquanto instrumento de navegação e sinalização marítima. Isso se pode constatar ao consultar as obras de Ferreira (1868), Vilhena (1995), Aguilar (1998), dentre outros autores que apresentam a história dos faróis de maneira primorosa, utilizando-se de excelente material iconográfico.

Não deixa dúvidas de que esses autores conseguem responder aos anseios daqueles que procuram ou questionam os faróis a partir dessa óptica. Entretanto, neste trabalho não se tem a intenção de referir esses monumentos unicamente no contexto histórico – funcional. A abordagem desta dissertação baseia-se na vertente turística dos faróis.

No quadro do circuito dos faróis portugueses, destacam-se apenas dois exemplares para contextualizar a ideia central da dissertação: o Farol de Santa Marta no Concelho de Cascais e o Farol dos Capelinhos, na Ilha do Faial, (Arquipélago dos Açores).

A opção por esses dois faróis adveio do facto de, durante o desenvolvimento do trabalho, se ter constatado, através de notas em jornais e publicações digitais, que já existia em Portugal a intenção de oferecer novas possibilidades a esses monumentos. Ambos são alvos de projectos a serem implantados, visando rentabilizá-los enquanto atracção turística, o que se confirmou logo a seguir: o Farol de Santa Marta tornou-se pólo museológico, dotado de um acervo que apresenta aos visitantes a história dos faróis portugueses e da vida dos faroleiros; no Farol dos Capelinhos tenciona-se instalar em suas dependências um centro de estudos e interpretação da natureza. Em resumo, os faróis portugueses são apresentados no âmbito da sua monumentalidade e enquanto elementos de diálogo entre a cultura e o turismo.

O desenvolvimento da dissertação em questão conduziu a uma tripartição do trabalho: 1) *Os Faróis Enquanto Sinalizadores e a sua Relevância no contexto Turístico-Cultural*; 2) *O Património Monumental e os Faróis enquanto Atracções Turísticas*; 3) *Os Faróis Portugueses: Sobreviventes do Tempo Passado Integrados nos Circuitos Turísticos*.

Depois de uma breve apresentação da estratégia de pesquisa utilizada, o primeiro capítulo debruça-se sobre a trajectória histórica dos faróis, desde a sua génese e os aspectos mais remotos da sua existência até a situação actual, dando ênfase à costa navegável lusitana, por ser Portugal o país de interesse neste estudo. Aqui serão apresentados factos relevantes da evolução

histórica dos faróis portugueses e também será explicitado o seu valor turístico e cultural.

O segundo capítulo focaliza a inserção dos faróis no âmbito cultural e turístico, mostrando a transsignificação dessas estruturas edificadas em monumentos que deixam de ter apenas uma função prática e passam a ser referenciais culturais, exemplificando com alguns países onde já é comum a utilização da imagem dos faróis associada à implantação de museus em suas imediações e como atracção turística, valorizando também a paisagem local, uma vez que eles estão sempre implantados em posições estratégicas. No caso de Portugal, os faróis ganham relevância e devem ser cada vez mais considerados como monumentos que remetem para o carácter náutico da cultura portuguesa.

No terceiro capítulo desenvolve-se a perspectiva turística enunciada no capítulo anterior. Destaca-se a importância do investimento nos faróis como modo de adicionar novos bens culturais aos atractivos turísticos. O objectivo deste capítulo é mostrar os faróis como um elemento com forte capacidade de atrair visitantes, tanto no intuito de contemplar o panorama no entorno deles, quanto torná-los testemunho da história local. Assume cada um deles especificidades nas informações a serem transmitidas aos turistas, definidas a partir das peculiaridades paisagísticas e históricas tanto de âmbito nacional como do sítio onde estão construídos.

Sendo objecto de estudo especificamente os faróis de Santa Marta e dos Capelinhos, demonstra-se a viabilidade do aproveitamento desses enquanto monumentos de visitação turística, uma vez que as propostas existentes para ambos coincidem com a idéia de proporcionar atractivos diferenciados aos visitantes.

Por conseguinte, a pesquisa demonstra que   possível dinamizar e diversificar o tipo de atracção turística associada aos faróis portugueses, assegurando-se um fluxo de visitantes através do acesso a informações distintas em cada um dos monumentos em questão, oferecendo cultura e lazer de maneira a valorizar não são o monumento em si, mas todo o contexto que o envolve.

O trabalho culmina com uma reflexão final sobre os faróis enquanto monumentos capazes de atrair olhares, não apenas pela sua importância de sinalizadores marítimos bem como pela sua imponência e valor estético aliados ao seu viés turístico a partir da história que “contam”: seja a da sua existência, da localidade em que estão edificadas, seja da sua transsignificação em atracção turística. Conclui-se com um diagnóstico sócio-cultural e enfoque de possíveis linhas de interesses, onde as experiências estrangeiras representem um referencial estimulante a ser aplicado à realidade do país.

ESTRATÉGIA DE PESQUISA

A realização do estudo sobre os faróis portugueses numa perspectiva turística exigiu estratégias baseadas em análise documental e na observação directa de exemplares edificadas em solo português e francês.

Relativamente à análise documental, foi necessário investigar em instituições portuguesas e estrangeiras o acervo arquivístico e bibliográfico. As instituições em que se realizou pesquisa, entre 2004 e 2007, foram designadamente as seguintes: em Lisboa: Biblioteca Nacional, Biblioteca Central da Marinha, Arquivo Histórico Militar, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca do IPPAR, Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Arquivo da Direcção Geral de Faróis, Biblioteca da Associação Nacional de Cruzeiros, Biblioteca do Instituto Hidrográfico de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Em França: Bibliothèque Nationale de Paris, Bibliothèque de Champigny Sur-Marne, Archive du Musée National de La Marine.

Esta pesquisa ainda foi complementada com uma ampla cobertura fotográfica, sendo parte considerável desta realizada pelo próprio autor. Em Portugal, esta cobertura se deu nas localidades de Cascais e Sagres; em França, na Cidade de Paris, na Região da Bretanha, nas cidades de La Vieille, Saint Mathieu, Penmarch e também na Normandia na cidade de Gatteville.

A pesquisa documental e iconográfica também foi desenvolvida através de consulta aos sites do Portal do Governo dos Açores, Vulcão dos Capelinhos, IPPAR, Ministério da Defesa, Revista da Armada, Farol do Albarnaz, Ciência Viva, Maravilhas da Humanidade, Jornal Folha de São Paulo dentre outros que se encontram referidos na bibliografia.

Ao nível da observação do acervo edificado, foram inventariados e diagnosticados (período de construção, tipologia, arquitectura, estado actual de

conservação e manutenção; nesse último item, deu-se ênfase à existência de faroleiro, sua formação e o desempenho de sua actividade) um número significativo de faróis dos quais também se investigou a respeito de um possível processo de classificação enquanto património cultural. De modo especial esta observação foi feita nos faróis de Santa Marta, Cabo da Roca, Cabo Espichel, Cabo de São Vicente e Farol do Bugio por revestirem-se de grande significado turístico na cultura portuguesa.